

EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA CULTURAL: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA INDÍGENA TAPUYA KARIRI

Isadora Rodrigues Sousa 1; Maria do Socorro Sousa e Silva 2

1 Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Campus Ibiapaba), São Benedito- CE- Brasil, isadorarodriguessousauva@gmail.com

2 Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Campus Ibiapaba), São Benedito- CE- Brasil, msserasmo@gmail.com

Introdução

O presente resumo apresenta os resultados de atividades desenvolvidas no âmbito da disciplina Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais, integrante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Campus Ibiapaba, ministrada no quarto semestre da graduação. As vivências ocorreram entre os meses de julho e outubro de 2025, no contexto das atividades acadêmicas propostas pela disciplina. O trabalho teve como finalidade compreender a educação indígena como espaço de resistência cultural, afirmação identitária e fortalecimento dos direitos do povo Tapuya Kariri, localizado na Aldeia Gameleira no município de São Benedito no Ceará. Assim, como refletir sobre a educação indígena no cenário acadêmico contemporâneo, e isso ser de fundamental relevância para a formação dos estudantes. A partir dessa experiência formativa, buscou evidenciar a importância da pesquisa na graduação como instrumento de aproximação entre universidade e povo originário, no caso Tapuya Kariri, contribuindo para a valorização das histórias, culturas e saberes desse povo.

Metodologia

Caracterizou-se pela abordagem qualitativa, fundamentada na escuta sensível e na observação participante, conforme orienta Severino (2017), ao destacar a importância de uma postura de aproximação, envolvimento e identificação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Essa perspectiva metodológica possibilitou compreender as narrativas e significados atribuídos pelos indígenas Tapuya Kariri da Aldeia Gameleira, diante das práticas educativas, lutas históricas e desafios enfrentados no campo da educação indígena. A investigação foi desenvolvida a partir de uma aula de campo realizada no dia 3 de outubro de 2025, na Escola Indígena Francisco Gonçalves de Sousa, situada no município de São Benedito, no estado do Ceará. A primeira vivência foi para o planejamento da atividade construído em conjunto com a professora da

disciplina, assim houver a elaboração de perguntas norteadoras para realização de uma roda de conversa com os estudantes, a professora, a cacica Andréa, a liderança Oscar Bessa, a gestora Socorro e a coordenadora da escola. Como instrumento de registro foi utilizado o diário de campo, no qual foram anotadas falas, percepções e reflexões relevantes para a análise dessa experiência. Além disso, foram realizados registros fotográficos como apoio documental, contribuindo para a construção da análise e para o fortalecimento da memória da aula de campo na formação dos estudantes. Os procedimentos metodológicos compreenderam a observação direta do espaço escolar, a escuta, o diálogo com os Tapuya Kariri e o registro das vivências.

A segunda vivência foi o desenvolvimento da roda de conversa com um diálogo tecido entre os presentes já citados, de forma muito rica despertando nos estudantes admiração por conhecê-los tão de perto e perceberem em suas narrativas a resistência cultural que sustentou em outrora e sustenta os Tapuya Kariri nos desafios contemporâneos. O diálogo evidenciou de modo especial a luta pela consolidação da educação indígena no âmbito estadual e pela implementação da própria escola na aldeia, advindo de intensos processos de mobilização dos indígenas. Destacou-se, ainda, a transformação das formas de resistência ao longo do tempo, expressa simbolicamente na afirmação de que, se antes a luta se dava por meio de instrumentos como a flecha, atualmente ocorre “com o papel e a caneta”. Essa fala evidencia a educação como estratégia política de reivindicação de direitos, reconhecimento e fortalecimento identitário. Nessa direção, remete-se ao indígena Luciano (2006), ao destacar que a defesa pelos territórios antigos e culturais, deve ocorrer pelos direitos adquiridos, pela língua própria traduzidos nas obras literárias e também na oralidade e na música.

Com essa reflexão a educação para os indígenas torna-se uma resistência na busca constante pela validade de seus direitos e visibilidade social. Nesse diálogo ressaltaram a escassez de pesquisas acadêmicas voltadas à educação indígena, à história e à cultura dos povos originários, o que reforça a importância da pesquisa na graduação como ferramenta de valorização desses saberes e de fortalecimento das lutas indígenas no campo educacional, favorecendo a compreensão das práticas pedagógicas, dos desafios enfrentados e das estratégias de resistência construídas pelos Tapuya Kariri no âmbito da educação indígena.

Resultados e Discussão

A aula de campo no formato de roda de conversa dialogada possibilitou a construção de um debate e reflexões riquíssimas acerca da educação indígena e das representações historicamente construídas sobre os povos originários, em destaque o Tapuya Kariri. Os estudantes relataram que a experiência contribuiu para a desconstrução de concepções estereotipadas internalizadas ao longo da escolarização, especialmente a partir da escuta da história narrada pelos próprios membros do povo Tapuya Kariri. A vivência permitiu reconhecer a riqueza dos saberes tradicionais e compreender a educação escolar indígena como instrumento fundamental de fortalecimento identitário, cultural e político. Os relatos das lideranças evidenciaram que a trajetória do povo Tapuya Kariri é marcada por lutas constantes, envolvendo o enfrentamento ao preconceito, a reivindicação de direitos e a luta pela terra na região da Serra da Ibiapaba. Está em

território Tapuya Kariri, oportunizou o contato direto com o percurso histórico, destacando o processo de retomada territorial, o reconhecimento identitário e a garantia do direito à educação diferenciada como conquista resultante de mobilização coletiva. A origem da escola, inicialmente instalada em uma casa de taipa, revelou o compromisso dos Tapuya Kariri com a educação mesmo diante de condições materiais precárias, reafirmando a centralidade da escola como espaço de resistência e reexistência. Atualmente, a instituição atende o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), contemplando a aldeia e territórios vizinhos. Seu Projeto Pedagógico Curricular (PPC) fundamenta-se na valorização da memória coletiva, da oralidade, da vivência comunitária e dos saberes ancestrais, articulando conhecimentos tradicionais e científicos de forma contextualizada. A roda de conversa dialogada faz conexão com as reflexões de Gomes (2017) e Munanga (2005), ao evidenciar que a educação indígena rompe com perspectivas homogêneas e universalizantes do conhecimento, assumindo um caráter político, cultural e identitário. Percebeu-se que a escola indígena configura-se como espaço de produção de saberes contra-hegemônicos, desafiando práticas educativas de matriz colonial e promovendo a valorização da diversidade étnico-racial. Durante o diálogo com a cacica Andréa, foram destacados desafios persistentes, como o preconceito e a estereotipação das culturas indígenas, especialmente em contextos escolares não indígenas, onde essas temáticas ainda são tratadas de maneira superficial e frequentemente restritas a datas comemorativas. Apesar disso, observa-se o fortalecimento da educação indígena por meio do engajamento coletivo e da atuação dos professores indígenas, que incentivam a formação crítica dos alunos e o ingresso de jovens indígenas no ensino superior, ampliando sua presença nos espaços acadêmicos e científicos.

Conclusões

Concluiu-se que a educação indígena considerada como espaço de resistência cultural, afirma a identidade do povo Tapuya Kariri na Aldeia Gameleira, fortalecendo a escola em um espaço de memória, produção de saberes e preservação da ancestralidade. Nisso, remete a trajetória dos indígenas evidenciando lutas históricas pela terra, pelo reconhecimento e pela garantia da educação diferenciada. Portanto, a aula de campo oportunizou uma experiência formativa na graduação, assim ampliou a compreensão dos estudantes à desconstrução de estereótipos repletos de negação da verdadeira história do povo Tapuya Kariri. Tendo em vista a aprendizagem adquirida com essas vivências, espera-se que haja mais aulas de campo com esse cunho na graduação, de modo a fortalecer o diálogo entre universidade e indígenas, para reafirmar o compromisso acadêmico com a valorização dos povos originários.

Palavras-chave: Educação Indígena; Tapuya Kariri; Aula de Campo; Vivência; Resistência Cultural.

Referências Bibliográficas

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: UNESCO, Ministério da Educação,

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando II**: roda de conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 201



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de História da Pedagogia